

AS NORMAS GRAMATICAIS PRESCRITIVAS DA LÍNGUA PORTUGUESA ADQUIRIDAS NA FORMAÇÃO DE UM PROFISSIONAL COMPETENTE, MEDIANTE A ESCRITA QUANTITATIVA POR MEIO DA FERRAMENTA WAC

¹ Carlos Henrique Lopes Batista – professor
carlos.lopes@aedb.br

AEDB

² Simone Lopes Mendes – professora
simone.mendes@aedb.br

AEDB

RESUMO

O presente trabalho visa a refletir acerca do processo de produção de texto, seja este de cunho acadêmico ou de cunho profissional na vida de estudantes universitários. O artigo também convida a uma reflexão sobre as ferramenta utilizadas em sala de aula nos diversos cursos universitários, WAC (Writing Across the Curriculum), a fim de propor aos estudante criação de textos que corroborem para com o desenvolvimento intelectual e profissional deles, além de propor também indagações acerca da escrita como ferramenta de pertença de um indivíduo no meio social ao qual pertence, e, ainda, na tomada de decisões e posicionamento crítico. Também estará em pauta nestas reflexões propostas, a dificuldade encontrada por esses estudantes ao serem convidados e/ou convocados a escreverem textos, de diversos gêneros, em norma padrão culto como também comenta Squarisi e Salvador (2005), além de abordar a reflexão sobre a importância de se ter claro o quão imprescindível é um texto redigido em norma culta para que seu entendimento claro e objetivo seja perceptível ao leitor e compreendido por ele sem más interpretações.

Palavras-chave: WAC, produção de texto, reflexão, norma culta padrão.

¹ Mestrando em Educação Universitária (UNR), pós-graduado em Metodologias do Ensino de Língua Portuguesa (UniBF), professor da Associação Educacional Dom Bosco e Servidor do Estado do Rio de Janeiro.

² Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté, professora da Associação Educacional Dom Bosco e Servidora do Estado do Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

1. POR QUE É TÃO ÁRDUA A ARTE DE ESCREVER?

Desde a mais tenra idade escolar os estudantes são convidados a escreverem textos de diversos gêneros, desde narrativas das suas memórias das férias passadas a dissertações acadêmicas. Escrever é parte da comunicabilidade humana, é discursar por meio da escrita quando o outro não está presente para o ato comunicativo oral. E nesse contexto discursivo, por meio da escrita, muitas dúvidas pairam sobre a mente do escritor, principalmente no que diz respeito às normas da gramática prescritiva vigente na língua portuguesa. Em se tratando de dar vazão ao espírito criativo na produção textual, o entreve acerca da língua culta é o “calcanhar de Aquiles” das produções de texto. Mas escrever é arte, e como toda arte precisa de exercícios constantes.

“Conhecer de antemão o gênero que se vai produzir é meio caminho para escrever bem. Funciona como forma de bolo onde as informações assam e crescem. Pode parecer cruel para os corações dos que sonham com a independência da escrita, mas é real no mundo das redações. Os veículos impõem limitações. Nem sempre são restrições de mérito. Mas são sempre físicas - de tamanho e gênero.” (SQUARISI; SALVADOR, 2005, p.212)

Segundo Dad Squarisi, a arte de redigir, seja qual for o gênero textual em questão, exige do escrevente “dez por cento de inspiração, mas noventa por cento de transpiração” (SQUARISI; SALVADOR, 2013, p.11). Isto significa que para escrever com qualidade e primazia, o autor precisa trabalhar arduamente sobre o texto, pois é a labuta incessante deste que tornará o escrito uma obra prima. A arte de escrever e reescrever, deve fazer parte da vida dos estudantes acadêmicos constantemente, sem o “medo” do papel em branco e da caneta. O texto deve passar por um processo de lapidação como se fosse um diamante bruto nas mãos do ourives, como muito bem “canta” o poeta Olavo Bilac em seu poema Profissão de Fé: “*Quero que a estrofe cristalina, / Dobrada ao jeito / Do ourives, saia da oficina / Sem um defeito: [...]*” (BILAC, 1978). O texto precisa, muitas vezes, ser amassado, cortado, esticado, condensado para, então, sair com uma joia; “*O texto, como um diamante, só brilha depois de tanto apanhar.*” (SQUARISI, SALVADOR, 2013, p.11). Mas por que escrever se torna uma atividade tão desgastante para os estudantes? Por que o medo da folha de papel em branco leva tanto pânico aos que são convocados a tracejarem algumas linhas e exporem no papel seu pensamento e ponto de vista acerca de um tema pré-estabelecido?

Com ideal inovador, visando à interação participativa ativa dos estudantes acadêmicos, as Faculdades Dom Bosco vêm implementando por meio de seus professores, junto aos estudantes de alguns cursos, na disciplina de Língua Portuguesa, a metodologia de produção textual denominada WAC (*Writing Across the Curriculum*), que almeja levar o estudante a escrever textos curtos cujos temas são baseados em sua formação profissional (CARTER, 2007, RUSSELL, 2002, THAISS, 2015). Esta metodologia propõe ao estudante a produção e a reescrita textual a partir de apontamentos feitos em seu próprio texto, e que possibilitarão ao estudante perceber o que há de contrário às normas vigentes da língua portuguesa culta e que deve ser corrigido por ele próprio. Tal método coloca o estudante no centro de seu produto, ora como produtor, ora como leitor crítico de seu próprio escrito, uma vez que ele mesmo terá de corrigir o seu texto na reescrita deste, levando em consideração a gramática normativa da língua.

A fim de propor essa consciência aos estudantes de alguns cursos é que as Faculdades e as Universidades propõem o estudo de Língua Portuguesa técnica, ou técnica de aprimoramento de escrita acadêmica, que, certamente, além de desenvolver e aperfeiçoar a

escrita qualitativa de seus estudantes, também contribuirá para o desenvolvimento dos trabalhos de conclusão de curso desses ingressos nesse processo de formação; os chamados TCCs (Trabalho de Conclusão de Curso), além de consolidar para com o melhoramento da escrita desses futuros profissionais do mercado de trabalho, bem como também corroborar para com o desenvolvimento intelectual/pessoal desses indivíduos.

Desvendar o segredo de uma escritura textual qualitativa, implica em o estudante dedicar-se a esse exercício de escrita, de reescrita, de trabalho textual e estudo de regras de coesão, de coerência, de operadores argumentativos, defeitos da construção frasal no textual, estudo dos tempos e modos verbais, conhecimento de elementos conectivos, estruturação morfossintática, etc. como também aponta Squarisi; Salvador (2013).

2. A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA CULTA

Segundo Noam Chomsky, como todo ser humano traz em si inata a capacidade de reconhecer, reproduzir e compreender as estruturas linguísticas para o ato discursivo em sua língua materna, é que se faz necessário o conhecimento e domínio significativo dos mecanismos de estrutura e funcionamento dessa língua sobre o prisma da gramática normativa prescritiva. Entra em cena a linguística a serviço do discurso produzido pelo falante ao elaborar um texto. Tal conhecimento normativo possibilita um arsenal de possibilidades de o estudante e/ou indivíduo expressar-se por meio de seu escrito, expondo com coerência e coesão, além de outros atributos gramaticais normativos, seus pensamentos e a defesa de seu ponto de vista, como também diz Orlandi (2009). Mas o que isso implica na formação intelectual, profissional e social de um estudante universitário?

Bem, segundo Eni Puccinelli Orlandi (2009), a articulação da língua materna em que o estudante e/ou indivíduo se expressa é uma forma de interagir com o outro, e não se pode conceber um indivíduo à margem da comunicabilidade social, uma vez que o ato comunicativo é inerente a todo ser vivente em grupo. O discurso faz parte da interação constante entre as pessoas, quer seja em seu meio profissional, quer seja em seu meio social/familiar. E quando há a necessidade de se expressar em língua materna escrita, surge a tão famigerada dificuldade de se produzir um texto em norma culta. É visando a reduzir esse efeito amedrontador da escrita, que alguns professores das instituições superiores têm recorrido ao WAC (*Writing Across the Curriculum*) a fim de auxiliar e incentivar os estudantes universitários a produzirem textos de cunho acadêmico com base em sua área de formação profissional, e também somar a essa práxis a inserção de conhecimentos morfossintáticos que possibilitarão ao estudante identificar e corrigir eventuais problemas de cunho gramatical em seus escritos, tais como ortografia, regência, concordância, acentuação, coesão e coerência, etc. Certamente esse recurso também reforçará na formação pessoal desse estudante, além da formação profissional, pois os meandros acadêmicos são celeiros de formação de intelectuais.

Usar os recursos linguísticos com primazia requer que os conhecimentos das aulas de gramática sejam convidados a fazerem parte desse processo de escrita desses estudantes acadêmicos, pois o discurso textual passará a ser não só uma ferramenta comunicativa e de trabalhos entre as pessoas, mas também a síntese morfossintática concreta de seus pensamentos organizados no papel, conforme avalia Orlandi (2009).

Porém, não basta somente incentivar os estudantes a produzirem seus textos com qualidade e respeitando a gramática normativa. Há que se pensar também se durante a formação intelectual acadêmica a intenção dos professores é formar indivíduos “usuários ideais” ou formar indivíduos “usuários reais” dessa ferramenta linguística como nos a pensar Orlandi (2013), e também conscientizá-los desse papel formativo, pois a escrita vai além de ser uma ferramenta meramente formativa para o campo profissional, ela transcende às raias do profissionalismo e adentra ao universo social ao qual está inserido o estudante de acordo com Bazerman (2005).

Sobre esse aspecto, aparece também a tão importante interdisciplinaridade, que auxiliará no processo de formação e aplicação linguística dos conhecimentos aferidos durante as aulas de Língua Portuguesa, e que deverá levar também em consideração as diferentes áreas de formação do conhecimento, uma vez que se deve respeitar a formação desses indivíduos. Desse modo, o engajamento dos futuros escritores acadêmicos por meio do WAC (*Writing Across the Curriculum*) deverá ser despertado para que eles sejam capazes de perceberem a fundamentação da teoria da língua padrão na elaboração de seus textos, bem como o sentido claro e objetivo de seus escritos, pois eles mesmos serão os agentes de crítica e correção de seus trabalhos. Ademais, “como o estudante pode saber o que ele pensa até entender o que ele diz em seu próprio texto?” (FOSTER apud BAZERMAN, 2005, p.57).

3. AS ABORDAGENS DA ESCRITA ATRAVÉS DO CURRÍCULO

A escrita através do método do WAC (*Writing Across the Curriculum*) tem sido a ferramenta ativa da vez entre profissionais do Ensino Superior. Surgida nas didáticas de escrita textual propagadas na França, Reino Unido e Estados Unidos em 1970/1980, ela possibilita que o estudante seja o agente transformador de seu aprendizado e domínio da escrita, além de ser objeto para a formação e construção de seu conhecimento, colocando-o no centro do processo ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, em seu lugar de pertença na sociedade.

Com base no construtivismo vygotskyano, “o estudante escreve para aprender e aprende com o que escreveu”.

“Escrever para aprender” significa que os estudantes não apenas aprendem a escrever, mas também escrevem para aprender. Esse conceito foi discutido e teorizado no quadro da pesquisa didática francesa (por exemplo, Reuter, 2004), na América do Norte e no Reino Unido, onde o conceito encontrou sua origem nos trabalhos de James Britton e seus colegas. De fato, ele forneceu uma melhor justificativa do recurso à escrita como ferramenta de aprendizagem e não mais apenas como ferramenta de avaliação da aprendizagem. A escrita tornou-se um meio de formar conceitos e métodos relativos a uma dada disciplina além de selecionar os estudantes. (RUSSEL, 2012, p. 23).

A partir dessa ideia, entende-se que os futuros escritores partem da premissa de que ao criarem seus textos com base em temas pertinentes às áreas do conhecimento para as quais se preparam, eles criam um elo entre o conhecimento a ser desenvolvido/adquirido com a produção textual e a sua formação profissional, ou com a disciplina apresentada, além do

aprendizado por meio da interação social com outras áreas do conhecimento. Pensa-se que com isso, há uma “lógica” na produção do texto pelo estudante, pois esta passa a fazer sentido ao ser vislumbrada por ele dentro da disciplina a que se propõe a produção textual.

Partindo desse pressuposto fica evidente que não cabe somente aos professores de língua materna proporem criação de textos aos estudantes universitários, mas a todos os profissionais de outras áreas do conhecimento. É necessário que a interdisciplinaridade, ou transversalidade, se faça presente nessa esfera do processo de construção do saber acadêmico, pois é possível que as diferentes áreas do conhecimento proponham produções textuais de cunho específico à área afim como também pensa Bazerman (2009). A abordagem da escrita em outras disciplinas configura uma maior interação do estudante com o universo da leitura e da escrita, tão importantes no processo de criação textual e desenvolvimento intelectual. Vale ainda lembrar que o processo de escrita é fundamentado na teoria cognitiva como diz Flower (1980) e ela se baseia nos diversos gêneros da criação textual, a fim de persuadir o leitor/ouvinte a correlacionar pontos de vistas com outros autores, a expor os próprios pensamentos, a defender uma ideia, a expressar um sentimento, etc. Cabe aqui observar que o processo de construção textual deve estar em consonância com as diversas formas de saberes e deve se dar na esfera professor-aluno, aluno-aluno e aluno-professor, onde ambos são protagonistas na elaboração dos recursos para a produção de texto de modo horizontalizado, uma vez que a metodologia por meio do WAC visa a protagonizar o estudante como agente de sua construção de conhecimento.

Nesse novo *layout* de processo de auxílio à escrita, deve estar claro que o conhecimento para a elaboração de um texto está nos conhecimentos agregados pelo estudante durante o seu percurso escolar, além dos conhecimentos acrescentados com a convivência social e familiar. Esse estudante não é mera tábula rasa de conhecimento, como defendeu John Locke (1993). O que ele precisa é ter uma diretriz a seguir que o auxilie a deixar jorrar a sua criatividade na hora de escrever. Os “consertos” gramaticais segundo a norma culta virão com a revisão de seu escrito, que deverá ser fomentado pelo professor e que deve partir do próprio estudante, afinal, o primeiro leitor do texto de um escritor é ele próprio, assim como o primeiro crítico também deve ser ele mesmo.

Calcado nessa concepção de construção de conhecimento e aprendizagem ativa, os universitários estarão fazendo parte efetivamente do processo de construção de seus saberes e, conseqüentemente, terão percepção de que o seu posicionamento crítico é fundamental no seu desenvolvimento cognitivo, no seu raciocínio lógico e na tomada de posicionamento social, afinal, os ambientes acadêmicos também formam indivíduos atuantes não só no campo profissional, mas também na esfera social.

Quando as instituições oferecem aos estudantes atividades intensivas de escrita, que requerem um desafio intelectual, os estudantes se engajam em atividades de aprendizagem mais profundas como a análise, a síntese, a integração de ideias provenientes de fontes diversas, e apreendem melhor o conteúdo dos cursos, ao mesmo tempo fora e dentro da sala de aula. Além disso, os estudantes cujos professores oferecem projetos com essas mesmas características apresentam um desenvolvimento e uma aprendizagem mais significativa em termos pessoais, sociais, práticos e acadêmicos. (RUSSEL, 2012, p. 23-24).

É sabido também que o ato de escrever capacita uma pessoa, e como escritor e leitor, ela se sente apta a tomar posicionamento crítico diante de dada situação, bem como emitir juízo acerca de fatos e situações pessoais ou sociais que a circundem, conforme discute Olson (1995).

4. A PRODUÇÃO TEXTUAL E A GRAMÁTICA NORMATIVA

Produzir um texto requer criatividade. Mas muito mais que a criatividade, requer esforço e empenho. O texto “nasce” nas ideias abstratas do escritor, dentro dele, no “mundo” onde ele é o senhor. Transformar suas representações mentais em texto verbal é o desafio que circunda as produções textuais, pois mostra-se a tão “malfadada” gramática prescritiva, onde o escrevente deverá fazer valer todo o seu arcabouço de conhecimentos normativos da língua.

É nesse exercício mental e prático que muitos estudantes travam ao desenvolverem seus textos. O medo das regras gramaticais impede que eles deem vazão à criatividade. Nesse cenário, entra em cena o profissional de língua materna, que deve fazer suas incursões acerca da norma culta, mas não menosprezar a construção e a criatividade do estudante, e propor a estes que colocar seus escritos em norma padrão é uma questão de prática e exercício do conhecimento adquirido nas aulas de língua materna. Aproximar esses universitários da língua culta é importantíssimo, desde que esse fato faça sentido prático e real para eles, daí a importância de os estudantes tomarem parte no processo construtivo do conhecimento e verem sentido naquilo que estão produzindo.

Tomando como base o que disse Chomsky (2010) estudar e conhecer as estruturas e nuances da Língua, e em nosso caso da Língua Portuguesa, possibilita ao indivíduo expressar-se não só por meio da escrita no papel, mais também por meio da oralidade, articulando claramente o seu discurso. E nesse sentido o discurso precisa ser o mais claro possível, evitando ruídos e más interpretações por parte do leitor. Daí a importância de se estudar as estruturas morfossintáticas e o uso pragmático do léxico linguístico no ato discursivo textual. Isso deve estar sempre claro e presente para os estudantes. A empregabilidade desses recursos morfossintáticos e lexicais no momento da produção textual são fundamentais para a clareza, concisão, coerência do que se pretende externar para o leitor, pois o ato concreto da produção textual é a materialização do universo pessoal do escritor.

Segundo Barzeman (2009), o ato de escrita auxilia na construção do conhecimento, na tomada de decisões, na mudança de posicionamento e agrega às experiências já tidas pelo escritor novas perspectivas de resolução de problemas. Ainda segundo Barzeman, essa atividade de escrita e reescrita corrobora para o aperfeiçoamento na construção de pontos de vistas diferentes na formação de um indivíduo. Melhora o posicionamento deste na esfera profissional. Certamente a escrita textual por meio do WAC faz o mesmo, porém com textos mais significativos aos estudantes, possibilitando que eles se identifiquem com tais escritos. Para Barzeman (2009), a produção de um gênero textual funciona com uma ferramenta de cognição e contribui para a estruturação do conhecimento do estudante, pois deixa explícito e claro os rastros de seu pensamento e de sua linha de raciocínio.

Porém, não se pode deixar de cuidar do léxico linguístico. Escrever em língua padrão é requisito não só acadêmico, mas para a vida profissional e pessoal também. Desvendar os

segredos de uma escrita qualitativa requer que o estudante exercite a escrita e reescrita de seus textos, recorrendo aos conhecimentos e estudos morfossintáticos para que escreva com a tal qualidade de clareza e objetividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões a que nos propusemos a desenvolver neste trabalho nos levam a pensar e repensar nas inúmeras dificuldades encontradas pelos estudantes ao se verem diante da iminente tarefa de produzir um texto escrito em norma culta, seja qual for o gênero textual solicitado. Também nos convida a refletir o quanto o esforço da práxis por parte dos estudantes é importante para concretizar o processo de melhoramento da escrita e da oralidade dele, assim como a conscientização disto por parte dos docentes também.

Essas reflexões colocam em foco o repensar as metodologias de ensino de produção textual nos meandros dos cursos universitários. Há que se refletir que levar um estudante a produzir escritos é um papel de todos os profissionais de ensino. Propor reflexões aos estudantes também é de suma importância para que estes percebam o quão importante é o seu papel no mercado de trabalho, na família e na sociedade como um indivíduo atuante na sua cidadania. Conscientizá-los ainda de que o desenvolvimento de seu intelecto é também parte importante de seu processo de desenvolvimento, e que eles têm tanta responsabilidade nesse processo quanto os profissionais de educação. A consciência de que todos fazemos parte desse processo cognitivo é um dos focos abordados neste trabalho reflexivo, bem como a conscientização de que a norma culta da língua materna se fará necessária a uma produção qualitativa, tanto nos meandros profissionais, quanto pessoais.

A apresentação da importância de empregabilidade da língua portuguesa culta fica clara no momento em que se vai reler e corrigir o texto produzido, daí a reflexão em optar por uma ferramenta/recurso, como o WAC (*Writing Across the Curriculum*), que coloca o estudante no protagonismo de construção de seu conhecimento no meio acadêmico, pois a clareza e objetividade são essenciais para o entendimento do conteúdo exposto no discurso escrito por eles. Pudemos perceber que a preocupação com a morfossintaxe se faz presente sim, mas no momento revisional do texto e de reescrita do mesmo, não como ideia primeva para a construção de escritos.

REFERÊNCIAS

- ALCANTARA, Natália Silva de.** Wac - Writing Across the Curriculum (A Escrita Através do Currículo). **Simpósio**, [S.l.], n. 8, mar. 2020. ISSN 2317-5974. Disponível em: <<http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/simposio/article/view/2108>>. Acesso em: 29 de ago. de 2020.
- AQUINO, I. de S.** Como falar em encontros científicos: do seminário em sala de aula a congressos internacionais. 3ª ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2007.
- BAGNO, M.** Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, M.** Preconceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BAZERMAN, C.** Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: **DIONÍSIO, A. P. & HOFFNAGEL, J. C.** (Orgs.). Gêneros textuais, tipificação e interação. São Paulo: Cortez, 2005.
- BAZERMAN, C.; PRIOR, P.** A participação nos mundos socioletrados emergentes. In: **HOFFNAGEL, J.C.; DIONÍSIO, A.P.** (Orgs.). *Escrita, gênero e interação social*. São Paulo: Cortez, 2007 [2005]. 150-197.
- BAZERMAN, C.; LITTLE, J.; BETHEL, L.; CHAVKIN, T.; FOUQUETTE, D.; GARUFIS, J.** Reference Guide to Writing Across the Curriculum. Parlor Press and the WAC Clearinghouse, 2005.
- CARTER, M., Ferzli, M., & Wiebe, EN** (2007). Escrever para aprender aprendendo a escrever nas disciplinas. *Journal of Business and Technical Communication*, 21 (3), 278- 302.
- BILAC, Olavo.** Poesias. Posfácio R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1978.
- CHOMSKY, N.** Linguagem e Mente. 3ª ed., São Paulo: Unesp, 2010.
- FLOWER, Linda e HAYES, John R.** A Cognitive Process Theory of Writing. *College Composition and Communication*. v. 32, n. 4, 1981, p. 365-387.
- HAYS, J. R.; FLOWER, L. S.** Identifying the organization of writing processes. In: **GREGG, L. W.; STEINBERG, E. R.** (Ed.). *Cognitive processes in writing*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1980. 3-30.
- LOCKE, John.** Political writings. David Wootton (org), p. 247. Indianapolis: Hackett Publishing, 1993.
- LOCKE, John.** *An Essay Concerning Human Understanding*, Kenneth P. Winkler (ed.), pp. 33–36, Hackett Publishing Company, Indianapolis, IN, 1996.
- Moreira, Marco A.** (1999). *Aprendizagem significativa*. Brasília: Editora da UnB. 129 p.
- MOREIRA, A. M.** A teoria da Aprendizagem significativa de Ausubel. In: MOREIRA, A. M. *Teorias de Aprendizagem*. EPU: São Paulo, 1999.
- ORLANDI, Eni Puccinelli.** 1942. *O que é linguística*. 2014 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- OLSON, David R.** O mundo no papel: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. São Paulo: Ática, 1997. PALACIOS, Alicia de Pizani; PIMENTEL, Magaly Munhoz & LERNER, Delia de Zunino. *Compreensão da leitura e expressão escrita. A experiência pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- RUSSELL, David R.** Écrits universitaires / écrits professionnalisants / écrits professionnels: est-ce qu’“écrire pour apprendre” est plus qu’un slogan? *Pratiques* (on line), n. 153/154, 2012, p. 21-34.

SQUARISI, Dad. SALVADOR, Arlete. Escrever melhor: guia para passar os textos a limpo. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SQUARISI, Dad. SALVADOR, Arlete. A Arte de Escrever Bem. São Paulo: 3 ed. Contexto, 2005.